

## O viver/sobreviver dos trabalhadores- estudantes da Educação de Jovens e Adultos – Trajetórias de trabalho e estudo pelo direito a uma formação humana e justa.

Darc Lene Braga Pereira <sup>1</sup>  
Mad'Ana Desireé Ribeiro de Castro <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa intitulada “ O viver/sobreviver dos trabalhadores-estudantes da Educação de Jovens e Adultos – Trajetórias de trabalho e estudo pelo direito a uma formação humana e justa. Na construção de nossa análise, optamos por uma abordagem qualitativa de pesquisa com enfoque sócio-histórico. As discussões pautaram-se no levantamento bibliográfico de autores que se debruçam sobre essa importante modalidade de ensino voltada para jovens, adultos e idosos, trabalhadores da EJA. A proposta de análise efetivou em dois eixos norteadores: breve levantamento da trajetória da EJA enquanto política pública de educação e reflexões sobre as formas de viver desses trabalhadores, ressaltando a emergência da sobrevivência e a funcionalidade dos arranjos formais e informais de trabalho, no qual estão escritos esses atores sociais, na atual sociabilidade capitalista. Esse caminhar nos possibilitou apreender as contradições que permeiam o viver/sobreviver desses sujeitos trabalhadores de forma que pudéssemos apontar nas considerações finais, caminhos e possibilidades de reafirmação dessa modalidade de ensino em estreita relação com uma Educação Popular, pensada na teoria e na prática, para trabalhadores-estudantes enquanto sujeitos históricos e protagonistas de um viver/sobreviver que devem ser parte não só do currículo, mas de uma prática pedagógica pautada na humanização e emancipação desses indivíduos.

**Palavras-chave:** EJA, viver/sobreviver, Trabalhadores-estudantes, Sujeitos Históricos.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG, [darclene@email.com](mailto:darclene@email.com);

<sup>2</sup> Orientadora: Doutora em Educação e professora do Programa de Mestrado Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG, [mdrcastro16@gmail.com](mailto:mdrcastro16@gmail.com);

## INTRODUÇÃO

*Nasci em 1963, em Brasília, numa invasão do Núcleo Bandeirante. Minha mãe é de Porto Nacional, GO. [...] Comecei o 1º grau, mas, como tantos brasileiros e brasileiras, não continuei meus estudos. Casei-me aos 15 anos. Vieram três filhos. Não tive mais estímulo para prosseguir nos estudos, principalmente, devido aos cuidados com filhos e marido. Eva: alfabetizanda e hoje alfabetizadora do Projeto Paranoá. (REIS,2011, p.150)*

A explicitação transcrita é uma marca histórica na realidade de milhões de trabalhadores e trabalhadoras que pisam o chão da EJA em busca de uma nova oportunidade de vida. Pensar a Educação de Jovens e Adultos significa, sobretudo, sentir as marcas de uma sociabilidade moldada sob o viés de um modo de produção que se fez e faz historicamente a partir da expropriação daqueles que produzem coletivamente a riqueza social desse país.

A proposta dessa pesquisa, pautada na análise dos sujeitos sociais da Educação de Jovens e Adultos e suas formas de viver, busca, a partir dos percursos entre trabalho e estudo, refletir a EJA enquanto modalidade de ensino que carrega as marcas de uma educação popular, logo inseparável de experiências formadoras e deformadoras de seus sujeitos sociais. “Inseparável do seu justo ou injusto viver”( Arroyo,2017, p.101 ). O tema suscitado, compõe uma das seções que alicerçam as bases teóricas da dissertação de mestrado, do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, do Instituto Federal de Goiás – IFG, intitulada “Significados e Sentidos atribuídos ao trabalho pelos trabalhadores-estudantes da Educação de Jovens e Adultos”.

Compreendemos que conhecer quem são os sujeitos da EJA, suas formas de viver e sentir o trabalho, suas demandas e como significam suas trajetórias de trabalho e estudo é um passo fundamental para a construção e a negação de diretrizes e práticas pedagógicas que se reinventam não ultrapassando concepções que reduzem essa modalidade de ensino à suplência, às formas aligeiradas de ensino e a homogeneização de seus sujeitos sociais. A partir desses norteares e em diálogo com os pressupostos do Materialismo Histórico e Dialético, o trabalho em questão, foi estruturado em discursões que buscaram problematizar os seguintes pontos: apontamentos sobre a trajetória da Educação de Jovens e Adultos enquanto política pública e a análise das formas de viver/sobreviver dos sujeitos sociais da EJA.

Durante a análise de nosso objeto de estudo, buscamos ressaltar à emergência da sobrevivência e a funcionalidade dos arranjos de trabalhos precarizados que incidem nos percursos de vida daqueles e daquelas que buscam na EJA uma segunda oportunidade de formação e conhecimento. As reflexões sobre o caminhar desses trabalhadores-estudantes foram fundamentais na percepção das contradições que perpassam as diretrizes que norteiam essa modalidade de ensino, como também, a realidade concreta desses trabalhadores, mas, sobretudo, evidenciam as marcas de uma dualidade estrutural que permeia a sociabilidade capitalista na qual a escola é apenas uma de suas expressões.

A partir dessas análises, foi possível, apontar nas considerações finais, caminhos e possibilidades de reafirmação dessa modalidade de ensino em estreita relação com uma Educação Popular, pensada na teoria e na prática, para trabalhadores-estudantes enquanto sujeitos históricos e protagonistas de um viver/sobreviver que devem ser parte não só do currículo, mas de uma prática pedagógica pautada na humanização e emancipação dos sujeitos sociais.

## **METODOLOGIA**

Ao partimos da prática social dos sujeitos e dos múltiplos significados, compreendemos que tais relações se fazem a partir de uma perspectiva de totalidade, em que o micro e o macro, na teia das relações sociais, conformam uma unidade dialética. As tramas sociais que vivenciam os sujeitos da EJA, suas trajetórias de trabalho e de estudo, as rupturas e as formas de resistência que marcam seus percursos de vida.

A partir de tal premissa, a produção do conhecimento em uma pesquisa, pressupõe uma relação dialógica entre sujeitos detentores de uma mesma historicidade que é apropriada/objetivada na produção da vida imediata, nas relações materiais e imateriais que permeiam as práticas sociais. Nesse sentido, partimos das práticas sociais de sujeitos, de suas formas de sobrevivência e como essas relações contribuem para a constituição dos desses sujeitos. Para aprofundamento teórico-metodológico desse trabalho, optamos por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa e que, em termos metodológicos, orientou-se a partir de uma coleta de dados realizada por meio de um levantamento bibliográfico em diálogo com autores como: Arroyo (2007); Costa (2013); Frigotto (1995); Rummert (2013) e Reis (2011), entre outros. Autores esses, fundamentais no

aprofundamento crítico e nos olhares sobre a diversidade de sujeitos que fazem e dão cara e voz a essa importante modalidade de ensino.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação de Jovens e Adultos carrega em sua nomenclatura os sujeitos para quem se destina esse segmento da educação básica. Esse direcionamento é basilar para a compreensão de uma política pública que emergiu legalmente no Brasil na década de trinta voltada sobretudo para a alfabetização de adultos. A história da educação estruturada para jovens e adultos carrega em seu percurso a dualidade estrutural de uma conformação econômica e social erigida sob o viés de um modelo agroexportador e escravocrata.

Tal percurso se fez a partir de um “desenvolvimento desigual e combinado”<sup>3</sup> em um país que caminhou de um modelo agroexportador para um capitalismo dependente e periférico sob a égide do capital internacional. Foi dentro desse percurso contraditório que se deu a inserção de adultos trabalhadores em espaços de escolarização formal. Seu direcionamento, no entanto, ocorreu sob formas aligeiradas, precárias, sob o viés da suplência e na homogeneização de práticas pedagógicas que reforçavam uma postura comportamental e de conformação social, legitimando uma ordenação desigual e de enquadramento de grupos historicamente subalternizados.

Costa (2013) no artigo que trata da “Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho: trajetória histórica de afirmação e negação do direito à educação” assevera:

No período colonial, raízes históricas da EJA, bem como no período imperial, a educação missionária como perspectiva de evangelização reforçou a conduta comportamental, sustentou a continuidade lógica de conformação social e legitimou a ordem desigual. (COSTA,2013, p.59)

A autora ressalta ainda que a EJA caminhou, sob o viés da suplência e do enquadramento social, acompanhando os percursos econômicos de um capitalismo dependente ao longo de sua trajetória como política pública. Seja por meio de campanhas de alfabetização que negavam o contexto social e a história de vida dos estudantes

---

<sup>3</sup> Para aprofundamento do termo ver Rummert, Sonia Maria; Algebaile, Eveline; Ventura, Jaqueline. Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado. Revista brasileira de Educação. V.18, n.54, jul. /set. 2013.

trabalhadores, ou no formato de profissionalização compulsória, por meio da Lei nº 5692, de 1971 que instituiu o ensino supletivo sob âmbito da teoria do <sup>4</sup>Capital Humano.

Nesse universo que conformou a trajetória da EJA, a autora destaca os movimentos sociais e a luta por um modelo de educação popular e emancipadora que inserisse, para além das formas tradicionais de escolarização, as vivências, anseios dos trabalhadores e que possibilitasse refletir sobre as contradições que emergem em dada sociabilidade. A trajetória da Educação de Jovens e Adultos segue no contexto atual expressando o reflexo da estrutura de classes que reitera diferentes formas de exclusão.

Em seu âmbito também emergem a luta e resistências por um modelo de educação que dê centralidade aos sujeitos sociais, suas vidas, seus anseios e que dialoguem com as vivências de jovens e adultos trabalhadores em contextos não escolares. Na busca por uma Educação de Jovens e Adultos que caminhe para a emancipação desses sujeitos sociais, é imprescindível discutir e fazer emergir as vozes dos protagonistas desse processo: os estudantes trabalhadores e suas formas de viver, de sobreviver, em uma conjuntura de crise profunda do capital e seus reflexos sobre o mundo do trabalho, sobretudo, para aqueles a quem se destina a EJA – os excluídos sociais que necessitam “viver atrás do que aparece” na luta diária pela sobrevivência.

A trajetória da EJA deixa transparecer que a exclusão social é uma expressão forte dos estudantes que ingressam nessa modalidade de ensino. Essa característica torna homogêneo um segmento permeado pela heterogeneidade de seus estudantes: os negros, os povos indígenas, os camponeses, os pobres, os jovens e os marginalizados de nossa sociedade. No universo desses sujeitos sociais assiste-se, principalmente nas últimas décadas, uma significativa presença juvenil nas escolas dessa modalidade de ensino.

A presença significativa de jovens em um espaço que contém em sua gênese à alfabetização de adultos é mais uma expressão de um modelo de educação que não consegue alcançar e dialogar com as demandas dos jovens trabalhadores populares. A busca por esse segmento de ensino torna-se uma das poucas possibilidades de mudança de vida destinada a um segmento cada vez mais marcado pela vulnerabilidade e trajetórias interrompidas.

---

<sup>4</sup> A explicitação do termo pode ser encontrada em FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e a crise do capitalismo real. (A educação alçada a capital humano – uma esfera específica das teorias de desenvolvimento). São Paulo: Cortez, 1995.

A conjuntura atual agravou tal conformação. Todos e todas que permeiam o universo da EJA são atravessados pelas suas trajetórias de trabalho informais e precarizados. Sales e Paiva (2014, p.5) afirmam que “o pertencimento aos extratos mais empobrecidos da sociedade parece ser uma marca forte na constituição da identidade dos sujeitos da EJA, ou seja, os sujeitos da EJA são os excluídos da sociedade”.

Mas quem são esses sujeitos sociais? De que forma as trajetórias de trabalho e a realidade na qual se inserem contribuem para o desvelamento das relações de produção postas na atualidade? Arroyo (2007, p.6) é primordial no desvelar dessa questão, ao chamar a atenção para a necessidade de pensar quem são os coletivos sociais inscritos na EJA. “Início abordando que o olhar será sobre quem são esses sujeitos que têm demandado a educação de jovens e adultos e suas marcas [...]”. O autor referenda a necessidade desse olhar pontuando que cada vez mais jovens e adultos são obrigados a viver sob formas precarizadas em diversos tipos de trabalho informal.

A busca pela sobrevivência em trajetórias de trabalhos desumanizadas molda a vida dos jovens e adultos da EJA. Aqui o direito a um futuro por meio da escola é substituído por um presente pautado em duras rotinas pela sobrevivência. Nessa linha de pensamento, Arroyo argumenta:

[...] que a juventude, os adolescentes e os adultos populares estão, hoje, mais demarcados pela concretude de suas histórias de vida, de seus trabalhos, de suas maneiras de sobreviver em um presente que é mais importante que o futuro. (ARROYO,2007, p.6)

A especificidade da palavra desemprego acompanha, historicamente, jovens e adultos populares que acessam à Educação de Jovens e Adultos. Esses constroem suas vidas em meio a diversas práticas informais de acesso ao trabalho. Arroyo (2007, p.7) pontua o desemprego como um importante traço dos estudantes da EJA, ressaltando que o desemprego e a insegurança andam juntos no cotidiano desses trabalhadores.

Esses jovens e adultos não estão se incorporando no trabalho formal, por que não há oferta de trabalho formal. Ao contrário, eles têm que sobreviver do trabalho informal. O horizonte para eles, inclusive ao terminarem alguma fase da educação básica, seja o que chamam de quarta série, de oitava série, ou até a educação média, talvez seja o trabalho informal, o sub-emprego, a sobrevivência mais emediata. (ARROYO,2007, p.8)

A perspectiva de futuro, que a escola historicamente busca construir, desfaz-se na emergência da sobrevivência diária. O desnudar dessa realidade evidência a gênese da Educação de Jovens e Adultos e a busca diária desses sujeitos trabalhadores pela

sobrevivência. Esses modos de vida determinam e condicionam o perfil desses estudantes em processos de naturalização da barbárie. Reis (2011) nos leva a compreender as consequências desse estado de desumanização sobre jovens e adultos da EJA ao traçar os processos de “silenciamento, encolhimento, cabeça baixa, vergonha e medo” que caracterizam os processos de alfabetização de jovens e adultos.

O silêncio parece ser a sua marca. Homens e mulheres que buscam a escola, silenciados ou em silenciamento nas relações de família ou emprego. Excluídos de tudo, ou quase tudo, sabem o que é sentir em si a realidade da exclusão. O discurso dos neoliberais os situa como mão de obra desqualificada e em descompasso com a modernidade tecnológica. (REIS, 2011, p.70)

O processo de silenciamento descrito por Reis (2011) evidencia um traço forte que se impõe a uma classe social que desde a infância não teve direito a viver o lúdico, a desenvolver as habilidades que contribuam para o pleno desenvolvimento de uma criança. Quem precisa desde cedo vender sua força de trabalho não tem direito a fala. A urgência da sobrevivência impõe-se e é naturalizada em processos precarizados do viver.

O processo de silenciamento esconde as demandas, regula tais grupos sociais, tornam homogêneas práticas pedagógicas sobre um grupo tão diverso e contribui na difusão do discurso hegemônico de uma sociabilidade voltada para atender as demandas da produção em cada contexto. O desemprego, a insegurança, os processos de silenciamento aos quais estão submetidos jovens e adultos populares nos obriga a pensar sobre os arranjos produtivos do sistema nessa atual fase de financeirização de capital.

É notório que tal conformação é mais uma expressão da correlação de forças entre capital e trabalho. O peso do desemprego e a busca cotidiana pela sobrevivência é apenas uma das marcas que se sobrepõe a esses sujeitos populares. Processos de exclusão de vida, de histórias, de falas e de representatividade sobrepõem-se a uma diversidade social que comumente é vista e pensada como um problema a ser sanado.

Arroyo (2016,p.8) evidencia que junto ao desemprego os estudantes da EJA vivem sobre o crivo da insegurança diária e do não reconhecimento do trabalho, deixando claro a incompatibilidade de um pretensão projeto educacional pautado em um futuro seguro, mas inserido em uma realidade concreta estruturada no efêmero, no transitório e na busca pela sobrevivência de diária, naquilo que o autor denomina de “presente esticado”.

A atual configuração requer da classe trabalhadora a subjugação total aos arranjos produtivos na busca de aumentar a lucratividade às custas da precarização das relações

de produção. A adesão se impõe sobre várias nuances, desde formas de cooperação formal, proativamente ou por meio de inúmeros processos de captura das subjetividades dos trabalhadores de forma que se estabeleça um senso comum pautado em valores éticos, estéticos e de consumo que norteará toda uma sociabilidade.

Nessa conformação todas as formas de exploração da força de trabalho são fundamentais na perpetuação do sistema. Rummert, Algebaile e Ventura, (2013) explicam no artigo que trata sobre a “Educação da classe trabalhadora brasileira: expressões do desenvolvimento desigual e combinado”, que a conformação histórica do trabalho na atualidade não apaga os precedentes, não prescindem deles e até os fomentam. As autoras assim ponderam:

Ao contrário da abordagem “etapista” que caracteriza análises oficiais no âmbito econômico e educacional, os novos momentos históricos do trabalho não elidem os precedentes, não prescindem deles e até os fomentam, incorporando-os para a consecução de suas metas como ocorre, na atualidade, com a parcela da produção de natureza intelectual, flexível, integrada, polivalente, para a qual as formas supostamente superadas de trabalho são dotadas de funcionalidade essencial para o capital. (RUMMERT, ALGEBAILÉ e VENTURA, 2013, p. 721 e 722)

Observa-se a importância dos arranjos informais para a manutenção do próprio sistema, nele as formas superadas de trabalho e o advento do próprio trabalho informal servem como “saídas” para os grupos sociais mais subalternizados, contribuindo para aliviar as mazelas do sistema em múltiplas formas precarizadas de viver. A escola nessa conjuntura cumpre um papel que lhe cabe na perspectiva de formar os itinerários de trabalho para atender as demandas dos arranjos flexíveis da produção. Aos estudantes populares da educação de jovens e adultos, esta reitera formas de uma inclusão excludente na ponta da escola no dizer de Kuenzer e Grabowsk (2016). O conjunto de conhecimentos socialmente válidos no âmbito da escola é “disponibilizado/negado segundo as necessidades desiguais e diferenciadas dos processos de trabalho integrados”:

Ao invés da explícita negação das oportunidades de acesso à educação continuada e de qualidade, há uma aparente disponibilização das oportunidades educacionais, através de múltiplas modalidades e diferentes naturezas, que se caracterizam por seu caráter desigual e na maioria das vezes meramente certificatório, que não asseguram domínio de conhecimentos necessários ao desenvolvimento de competências cognitivas complexas vinculadas à autonomia intelectual, ética e estética. (KUENZER e GRABOWSK, 2016, p.28)

Rummert, Algebaile e Ventura (2013), nessa mesma linha de pensamento, asseveram que tais formas de acesso ao conhecimento socialmente válido configuram-se,

na atualidade, sob novas formas de exclusão da classe trabalhadora, que se apresenta segundo as autoras, no que é chamado de dualidade estrutural de novo tipo. As múltiplas modalidades de acesso à educação são permeadas por percursos formativos diferenciados, formas aligeiradas e certificatórias de uma educação que caminha alinhada às demandas de uma produção cada vez mais flexível e predatória.

Quando se debruça sobre a trajetória histórica de educação, especificamente, a Educação de Jovens e Adultos trabalhadores, fica evidenciado o papel da educação como estratégia imprescindível no enquadramento, adestramento e na conformação de uma sociabilidade que caminha *pari passu* com os percursos da produção. Na atual configuração dos arranjos produtivos, a educação é apresentada como solução individual para a precarização da vida. Compreender, refletir, questionar e construir uma práxis sobre a realidade dos sujeitos sociais que pisam o chão da EJA é indispensável para a superação do que está posto.

Sabe-se que o trabalho é central na vida dos trabalhadores e trabalhadoras da EJA. As formas de viver desses estudantes são construídas sob a égide da vulnerabilidade e da insegurança rotineiramente. É nessa perspectiva, e a partir das reflexões sobre os arranjos produtivos de inclusão/exclusão nas cadeias produtivas, que a temática sobre os sujeitos sociais da EJA e suas formas de viver emergem como problemática central nessa discussão. A problemática em questão só pode ser pensada a partir de uma perspectiva de totalidade que compreende o trabalho em sua dupla dimensão, como fundamento do ser social e como trabalho alienado na produção da vida material e da sociabilidade humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve discussão, pautada na análise dos sujeitos sociais da Educação de Jovens e Adultos e suas formas de viver, buscou a partir dos percursos entre trabalho e estudo, refletir a EJA enquanto modalidade de Ensino, que carrega as marcas de uma educação popular, logo inseparável das experiências “formadoras e deformadoras” de seus sujeitos sociais.

Ao refletirmos sobre tal aspecto, deu-se centralidade à busca pela sobrevivência diária ressaltando que o trabalho atravessa a vida de milhões de jovens e adultos, não como uma possibilidade de criação, crescimento e humanização em uma perspectiva

ontológica, mas como uma necessidade vital de sobrevivência em uma conjuntura cada vez mais adversa. Ressaltou-se que a informalidade acompanha jovens e adultos trabalhadores desde muito cedo. Tal prática é apenas uma expressão do desemprego estrutural e de crise constante do capital.

Nesse sentido o desemprego, as formas predatórias e precarizadas de trabalho informal ressaltam outra marca dos trabalhadores da EJA: o constante estado de insegurança que assola esses sujeitos de direitos e os levam a aceitar o que a realidade impõem-lhes na busca pela sobrevivência diária. Soma-se a esse condicionante uma ideologia hegemônica difundida e apreendida em todas as instâncias formais e informais da nossa sociabilidade que condiciona, conforma e individualiza as relações sociais. Essa retira o sentido de pertencimento coletivo, nega a luta de classes e mascara as contradições advindas das relações desiguais entre capital e trabalho.

Não obstante as formas precarizadas de trabalho e as práticas de trabalho informal, que acompanham a vida, cada vez mais em escala exponencial, de milhões de trabalhadores que cruzam o chão das escolas que atuam com a Educação de Jovens e Adultos, são funcionais para manter o próprio sistema. Elas contribuem para manter a desigualdade social historicamente reordenada ao longo dessa. Ao trazermos as trajetórias de vida interrompidas por um trabalho que aliena e subjuga jovens e adultos no âmbito da EJA, buscou-se pensar, a partir de uma perspectiva de totalidade, a relação contraditória e inseparável entre os sujeitos sociais, trabalho e educação, ressaltando que a realidade concreta dos jovens e adultos da EJA são expressões das “novas” conformações advindas do curso histórico de um sistema econômico e social pautado na divisão social do trabalho.

As ponderações nos levam a pensar, a partir das formas de viver aqui apresentadas, o papel da escola, os currículos, os tempos de escola, as práticas pedagógicas pensadas e construídas para esse segmento da educação básica. A perspectiva crítica sobre o trabalho nos leva a perceber as contradições e injunções sobre a vida desses sujeitos populares, históricos e inseridos em relações cada vez mais pauperizadas.

Esse breve apontamento busca dar centralidade ao sujeito social da EJA, ressaltando que suas vivências, seu lugar social e econômico não deve ser apartado do âmbito da escola e das diretrizes que balizam essa modalidade de ensino. Da mesma forma, as ponderações aqui suscitadas são um convite a reflexão sobre a necessidade de um modelo de educação que rompa a dualidade de novo tipo transmutado sob o crivo de

uma pretensa democratização do ensino, mas que reitera as tradicionais práticas de exclusão do conhecimento socialmente válido.

Pensar os jovens e adultos trabalhadores da EJA como sujeitos históricos, humanizados, sujeitos coletivos, diversos e detentores de vozes e representatividade é dialogar com uma educação, verdadeiramente, emancipadora e popular da qual emerge, como nunca, a imprescindível necessidade de reafirmação da Educação Popular de Paulo Freire. Por ela, o olhar do estudante trabalhador, sua história, suas demandas, suas vozes, seus sonhos e a utopia de um futuro emergirá como prática emancipadora dos jovens e adultos na busca por uma outra sociabilidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade: o espírito do Toyotismo na era do capitalismo manipulatório**. 4ª ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARROYO, Miguel. **Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares?** Rev.de Educação de Jovens e Adultos, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007.

\_\_\_\_\_. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

COSTA, Cláudia Borges. **Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o mundo do trabalho: trajetória histórica de afirmação e negação de direito**. Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec. Belo Horizonte Ano 10 n. 15 p. 59-83 jul. /dez. 2013

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.

KUENZER, A. Z. e GRABOWSK, G. **A produção do conhecimento no campo da Educação Profissional no regime de acumulação flexível**. DOI: 10.15628/holos.2016.4983. Holos, Ano 32, Vol. 6, 2016.

RUMMERT, Sonia Maria; ALGEBAILLE, Eveline; VENTURA, Jaqueline. **Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado**. Revista brasileira de Educação. V.18, n.54, jul./set. 2013.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de Jovens e Adultos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011

SALES, Sandra e PAIVA, Jane. **As muitas invenções da EJA**. In: AAPE/EJA DOSSIÊ II. Arizona/EUA. jun.2014, v. 22, n° 58, p.1-19.

